

## OTAN segundo a visão russa: percepções de um “novo cerco”

Valdir da Silva Bezerra<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo envereda-se pelas origens geopolíticas e históricas a motivar uma percepção de insegurança na mentalidade política russa frente ao Ocidente e sua relação com a atual oposição de Moscou à expansão da OTAN no período pós-soviético. Diferentemente do discurso padrão frequentemente reproduzido no Ocidente a respeito do tema, procura-se através deste esforço dar maior espaço ao que autoridades russas e mesmo diferentes intelectuais pensam quanto ao sentimento de ameaça (seja ela justificada do ponto de vista objetivo ou ideológico) expresso por Moscou diante da Aliança Atlântica.

**Palavras-Chave:** OTAN; Política Externa Russa; Geopolítica Europeia.

### *OTAN según la visión rusa: percepciones de aislamiento*

### Resumen

Este artículo se centra en los orígenes geopolíticos e históricos que motivó la percepción de inseguridad en la mentalidad política rusa hacia Occidente y su relación con la oposición actual de Moscú a la expansión de la OTAN en el período postsoviético. A diferencia del discurso estándar que a menudo se reproduce en Occidente sobre el tema, se busca a través de este esfuerzo dar más espacio a lo que las autoridades rusas e incluso los diferentes intelectuales piensan sobre la sensación de amenaza (ya sea objetiva o ideológicamente justificada) expresada por Moscú en relación a Alianza Atlántica.

**Palabras clave:** OTAN; Política exterior rusa; Geopolítica europea.

### Introdução

A partir de 2011, a sociedade russa passou a enxergar uma potencial ameaça militar ao país proveniente do exterior (LEVADA, 2016). Curiosamente porém, quando perguntados (entre os anos 1997 e 2015) se os países europeus pertencentes à OTAN teriam quaisquer razões para se acautelarem da Rússia, mais da metade dos entrevistados respondeu que não. Tal situação poderia ser explicada pelo famoso *Dilema da Segurança*, elaborado na década de 1950 pelo germano-

---

<sup>1</sup> Graduado em Relações Internacionais pelas Faculdades Integradas Rio Branco (São Paulo). Mestrando em Relações Internacionais pela Universidade Estatal de São Petersburgo (Rússia).

americano John Herz. Nele, as iniciativas de um Estado para melhor atender às suas necessidades de segurança provocam, direta ou indiretamente, a insegurança de todos os demais no sistema. Logo, uma vez que preocupações com segurança estariam no cerne do comportamento dos Estados num contexto internacional anárquico (WALTZ, 1979), um ganho em segurança por parte de um ator (obedecendo à lógica do dilema de Herz) representaria necessariamente uma perda (em segurança) do outro, perpetuando um ciclo de desconfiança e alienação (WENDT, 1992).

Nesse contexto é que, por exemplo, pode-se observar o atual estado das relações entre Moscou e o Ocidente, sobretudo no que toca à expansão da Aliança Atlântica (OTAN) para o Leste no contexto pós-soviético. O presente artigo, por seu turno, inicia uma breve jornada pelos fatores geopolíticos infundidos na percepção de insegurança adquirida por Moscou em relação às suas fronteiras ocidentais abordando, num segundo momento, as opiniões expressas por autoridades russas (sobretudo na figura de seu presidente) sobre o tema em pauta. Para este feito, alguns excertos de entrevistas e declarações de Putin serão utilizados com o fito de analisar quais sejam as posições da Rússia frente à expansão da OTAN, ressaltada a importância que se tem em entender a natureza e as crenças dos encarregados por desenvolver a política externa do país (MANKOFF, 2011)<sup>2</sup>.

### **Origens de uma percepção de insegurança**

Em sua mais famosa obra *The Geographical Pivot of History* (O Pivô Geográfico da História), lançada no começo do século XX, Halford Mackinder (1861-1947) discorre sobre o enorme espaço geográfico caracterizado pelo autor como “Ilha-Mundo”, abrangendo os continentes Europeu, Asiático e Africano. Segundo o autor (1942, p.106), “*Quem governa a Europa do Leste comanda o Heartland; quem governa o Heartland comanda a Ilha do Mundo; quem governa a Ilha do Mundo comanda o mundo*”<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup>Ademais levando-se em conta que a Constituição da Federação Russa (1993; Art. 80, §3), promulgada no início do governo de Boris Yeltsin (1991-1992), confere ao presidente russo os poderes para determinar os principais objetivos da política externa do Estado, além de representar o país em suas relações internacionais.

<sup>3</sup>*“Who rules East Europe commands the Heartland; who rules the Heartland commands the World Island; who rules the World Island commands the World.”* (no original em inglês).

Desde o século XVIII, o Império russo ocupa a maior parte do território estratégico contido dentro da Ilha-Mundo ou *Heartland* (Área Pivô), considerado “o centro terrestre de todo o continente eurasiático” (DUGIN, 2016, n.p.), abundante em matéria-prima e população<sup>4</sup>. Não sem razão, portanto, a Europa pós-Napoleônica passou a enxergar “com espanto e apreensão um país cujo território e forças militares faziam com que parecessem pequenos os recursos combinados de todo o resto do continente” (KISSINGER, 2014, p.42). À época, muitos temiam que o Império Russo, dotado também de uma grande população, vastos recursos naturais e um governo centralizado, sucederia a França Napoleônica como a potência dominante na Europa, competindo com a Grã-Bretanha pela supremacia mundial (NOVIKOVA e BODROV, 2017).

**Figura I - Mapa Geopolítico Mundial segundo Mackinder**



FONTE: MACKINDER, 1904.

Mas qual seria, por sua vez, a relação entre tamanho territorial e percepção de segurança para um dado Estado como a Rússia? Hitler, que em 1941 invadiu a então União Soviética com um exército de mais de 4 milhões de homens, fez a seguinte observação a respeito dessa relação:

<sup>4</sup> Em 1800 a Rússia contava com uma população de aproximadamente 37 milhões de pessoas, maior do que a mais populosa nação europeia à época, a França, com uma população de 28 milhões (KENNEDY, 1989).

No tamanho do território de um Estado há sempre uma certa proteção contra ataques frívolos, já que o sucesso só pode ser alcançado depois de duras lutas e, portanto, o risco de um ataque precipitado parecerá muito grande, a menos que existam motivos bastante excepcionais. Daí que o próprio tamanho de um Estado oferece em si mesmo uma base para mais facilmente preservar a liberdade e a independência de um povo, enquanto, inversamente, a pequenez de tal formação é um convite à sua captura<sup>5</sup> (HITLER, 1925, p. 137; tradução e grifo nossos).

Já o analista francês Raymond Aron (1962, p. 665) considera por outro lado que *“quanto maior uma unidade política, mais ela se sente (e é) ameaçada, já que, em caso de derrota, corre o risco de sofrer um castigo proporcional aos sacrifícios incorridos pelos seus inimigos para poder derrotá-la”*. Assim, embora a Rússia ocupasse uma região extensa dentro do continente Eurasiático, a predominância de vastas - e desprotegidas - estepes ao longo de sua fronteira ocidental tornava-a alvo relativamente fácil a invasões de grandes exércitos estrangeiros (MACKINDER, 1904). Tal tese confirmou-se por exemplo pelas invasões de Napoleão à Rússia em 1812 e, pouco mais de um século depois, pelo próprio Hitler em 1941.

Sua extensão territorial, portanto, não mudou a percepção de Moscou a respeito de um *déficit* de segurança reforçado por experiências traumáticas do passado (GONZÁLEZ, 2013). Não obstante, no decorrer de sua história a Rússia foi diversas vezes rejeitada, isolada diplomaticamente e até mesmo cercada militarmente pelo Ocidente (WALTZ, 2000), tornando-se um poder terrestre inseguro, cuja geopolítica é derivada de sua percepção enquanto país vulnerável, isolado e periférico (KAPLAN, 2014; BRADEN e SHELLEY, 2000). Conseqüentemente, para manter sua segurança e em consideração às ameaças percebidas em seu entorno, a Rússia precisaria conquistar o máximo de território que pudesse a fim de assegurar sua integridade estatal (FINLAY, 2014).

Assim explica-se a expansão do controle soviético à Europa de Leste por Stalin após a Segunda Guerra Mundial, uma vez que o líder da URSS estaria pensando em termos políticos realistas, determinado a criar uma zona de segurança em torno de Moscou. Com efeito, Stálin via a União Soviética como uma ilha

---

<sup>5</sup> *"In the size of a state's territory there always lies a certain protection against frivolous attacks, since success can only be achieved only after hard struggles, and therefore the risk of a rash assault will seem too great unless there are quite exceptional grounds for it. Hence the very size of a state offers in itself a basis for more easily preserving the freedom and independence of a people, while, conversely, the smallness of such a formation is a positive invitation to seizure."* (no original em inglês).

socialista cercada por Estados capitalistas hostis (BRADEN e SHELLEY, 2000) e, portanto, “o objetivo da estratégia soviética seria obter o máximo de segurança em vista do inevitável confronto [com o mundo capitalista]” (KISSINGER, 2014, p. 188). Tal política mais uma vez emoldurava-se por uma obsessão excessiva quanto à segurança do país, decorrente de sua percepção de vulnerabilidade, e adotando o comportamento de uma cidade sitiada (VAISSE, 2013).

Desse modo, com o estabelecimento da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em 1949, e após a entrada da Alemanha Ocidental (1955) naquela organização<sup>6</sup>, não demorou para que a União Soviética criasse sua própria aliança militar com os Estados-satélite europeus, o Pacto de Varsóvia. Inclinando-se desproporcionalmente em favor de Moscou, a aliança contava com aproximadamente quatro quintos de suas forças militares totais sob controle russo (KENNEDY, 1989).

**Tabela I - Recursos do Pacto de Varsóvia, 1977**

| INDICADORES                              | URSS | PAÍSES SATÉLITE | TOTAL |
|--|------|-----------------|-------|
| População (Milhões)                      | 258  | 108             | 366   |
| PIB (em Bilhões de Dólares)              | 922  | 316             | 1238  |
| Força Militar (em Milhões de Homens)     | 4,4  | 1               | 5,4   |
| Forças Terrestres (em Milhões de Homens) | 1,8  | 0,8             | 2,6   |

FONTE: *International Institute for Strategic Studies (IISS) Military Balance 1977-1978* (LONDON, 1977); U.S. *Central Intelligence Agency, Handbook of Economic Statistics, 1977* (cf. THE CONGRESS OF THE UNITED STATES CONGRESSIONAL BUDGET OFFICE, 1977, p.X). Disponível em: <http://www.globalsecurity.org/military/library/report/cbo/77doc579.pdf>

Ademais, um mecanismo de defesa coletiva foi previsto nos Artigos 3º e 4 da *Carta Constitutiva do Pacto* (à guisa do Artigo 5º da Carta da OTAN) contra um possível ataque armado contra qualquer um de seus membros. Nesse sentido, vale lembrar que a prevalência das duas únicas superpotências do sistema (EUA e União Soviética) “fomentava a insegurança, com a competição assumindo a forma de um jogo de soma zero. Isso significava que os dois lados viam qualquer ganho militar,

<sup>6</sup> No Prólogo à Constituição do Pacto de Varsóvia é mencionado o perigo de uma nova guerra na Europa, na forma de uma ameaça Ocidental à “segurança nacional dos Estados europeus pacíficos”.

*diplomático ou econômico como uma perda igual para o outro lado*<sup>7</sup> (NOVIKOVA; BODROV, 2017, p.83).

Por fim, ao levarmos em conta a situação atual existente entre a Rússia e o Ocidente, sobretudo em relação à configuração geopolítica europeia pós-expansão da OTAN no começo dos anos 2000, parece que as observações precedentes, tecidas em referência à Guerra Fria, continuam verdadeiras. A segunda parte adiante, pois, trata justamente da conjuntura recente envolvendo as principais críticas russas (sobretudo expressas na figura de seu presidente) ao estado das coisas entre Moscou, Washington e a Aliança Atlântica.

### **Percepções sobre um novo cerco**

A perda de sua “zona-tampão” (*buffer-zone*) constituída pelos Estados do Leste-Europeu pós-dissolução soviética em 1991 deixou a Rússia menor e, aos olhos de Moscou, ainda mais vulnerável do que quando fora derrotada pelos poderes centrais na Iª Guerra Mundial (FINLAY, 2014). Nesse contexto, a expansão da OTAN<sup>8</sup> durante os anos finais de Boris Yeltsin no poder e começo da presidência de Vladimir Putin provocou na Rússia um redobrado sentimento de insegurança.

A OTAN é vista por Moscou como a principal ameaça à sua segurança, ao mesmo tempo em que é dominada por interesses estratégicos americanos, e sua expansão é encarada como uma “militarização indesejada” das fronteiras ocidentais da Rússia (OLDBERG, 2010; FREIRE, 2008). A ampliação da aliança, argumenta o Kremlin, traz consigo a aproximação de infraestrutura militar ocidental às bordas da Federação Russa, com a instalação de mísseis antibalísticos, ou ABM’s (de *Anti-Ballistic Missiles*), os quais potencialmente representam uma ameaça à capacidade nuclear russa de retaliação. Nesse sentido, Putin, em discurso à 43ª Conferência de Munique sobre Políticas de Segurança, manifesta a desconfiança russa quanto à expansão da OTAN, dizendo:

---

<sup>7</sup> *"The dominance of the two superpowers bred insecurity, with competition taking the form of a zero-sum game. This meant that both sides viewed any military, diplomatic, or economic gain as an equal loss for the other."* (no original em inglês)

<sup>8</sup> Em 1999 Polônia, República Tcheca e Hungria ingressaram na OTAN. Em 2004 foi a vez de Estônia, Letônia, Lituânia, Eslováquia, Romênia e Bulgária.

Obviamente, o processo de expansão da OTAN nada tem a ver com a modernização da própria Aliança ou com a garantia de segurança na Europa. Pelo contrário, *representa uma séria provocação que reduz o nível de confiança mútua*. E temos o direito de perguntar francamente: contra quem se destina essa expansão?<sup>9</sup> (PUTIN, 2007; tradução e grifo nossos).

Existe de fato substancial debate quanto à necessidade de expansão da aliança militar atlântica no contexto do pós-Guerra Fria, uma vez que a ameaça soviética deixou de existir. As razões para a expansão da OTAN seriam fracas, ao passo em que desenha novas linhas divisórias e antagônicas na Europa, alienando a Rússia, e reduzindo as esperanças de um futuro desarmamento abrangente (WALTZ, 2000). Putin (2016; tradução nossa), confirmando essa percepção, dirá a um jornal alemão: *“há 25 anos o Muro de Berlim caiu, mas a divisão da Europa não foi superada, as paredes invisíveis simplesmente foram movidas para o Leste”*<sup>10</sup>.

**Figura II – Mapa da OTAN no período pós-Soviético**



FONTE: The Economist

<sup>9</sup> "Очевидно: процесс натовского расширения не имеет никакого отношения к модернизации самого альянса или к обеспечению безопасности в Европе. Наоборот, это серьезно провоцирующий фактор, снижающий уровень взаимного доверия. И у нас есть справедливое право откровенно спросить: против кого это расширение?" (no original em russo).

<sup>10</sup> "25 лет назад Берлинская стена пала, но раскол Европы не был преодолен, невидимые стены просто были передвинуты на восток." (no original em russo).

Com efeito, o alargamento da OTAN e da União Europeia (UE) com a inclusão dos países leste-europeus modificou dramaticamente o quadro geopolítico do continente em favor do Ocidente, o que se tornou motivo de séria preocupação para os militares e políticos russos (ZHEBIT, 2003). Para Moscou, a situação geopolítica da Europa demonstra “a existência de um novo ‘cinturão sanitário’, separando a Alemanha da Rússia e a Rússia da China” (FIORI, 2007, apud MAZAT e SERRANO, 2012, p. 21). Nesse ínterim, a Rússia fundou em 2002 (juntamente com Armênia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão) a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC), instituição que, à guisa do anterior Pacto de Varsóvia e OTAN, conta com um mecanismo de segurança coletiva para os casos de ameaça à estabilidade, soberania e integridade territorial de seus países-membro (OTSC, 2002, Artigo 7º). Com efeito, dentre os Estados partícipes, a Rússia é o mais preocupado com relação a uma possível ameaça militar oriunda da Aliança Atlântica, por ter suas fronteiras mais diretamente exposta à infraestrutura militar da OTAN.

Moscou, por sua vez, acredita que a instalação de elementos antibalísticos em países da Europa de Leste contribui para um cenário de desequilíbrio no “Balanço de Poder” (ou Paridade Estratégica) entre a Rússia e o Ocidente (liderado pelos Estados Unidos), provocando grande instabilidade internacional. Com efeito, no auge da Guerra Fria (1947-1991) Aron já observava o seguinte a respeito dos perigos de um desequilíbrio de poder entre as potências nucleares:

Toda situação de desigualdade entre o ataque e a represália cria o risco do *preemptive blow* – o ataque desferido em antecipação ao golpe que se tem a expectativa de receber -, especialmente se a desigualdade está relacionada com a vulnerabilidade do dispositivo termonuclear [de um dos lados] (ARON, 1962, p. 516).

À época, nenhuma das superpotências (Estados Unidos e União Soviética) possuía a capacidade de destruir simultaneamente todos os meios de represália do adversário “*nem poderia ter a certeza de possuir tal capacidade*” (*ibidem*, p. 518). Portanto, conclui o autor “*pode-se afirmar que a invulnerabilidade relativa dos dispositivos termonucleares e a igualdade aproximada do ataque e da represália aumentam a improbabilidade de uma guerra total*” (*ibidem*, p. 519). Desse modo, somado à expansão da OTAN para o Leste, a Rússia também manifesta

preocupação quanto à saída unilateral dos Estados Unidos em 2001 do Tratado de Mísseis Antibalísticos, assinado em 1972 entre o país e a então União Soviética, o que permite por sua vez aos americanos (através da própria OTAN) o deslocamento de mísseis antibalísticos em países fronteiriços à Rússia, potencialmente afetando o balanço nuclear estratégico entre Washington e Moscou. Com isso em mente, Putin (2017; tradução nossa), em entrevista ao diretor americano Oliver Stone no contexto de um documentário exibido na TV britânica, conclui “*o balanço [de poder] é uma coisa muito importante [...] Nós agora estamos tentando destruir este balanço. Isso é um grande erro.*”<sup>11</sup>

### Considerações finais

Somado ao desconforto de enxergar os ex-satélites da União Soviética aderirem à Aliança Atlântica em finais da década de 1990 e começo dos anos 2000, a Rússia, que hoje se vê também diante da possibilidade de instalação de mísseis antibalísticos em suas fronteiras ocidentais, manifesta sua insatisfação para com a OTAN (e aos EUA em particular) sobretudo através de discursos oficiais emitidos pela figura de seu presidente. Em seu conteúdo, frequentemente encontram-se temas como “Balanço de Poder”, “Paridade Estratégica”, e a supostamente “desnecessária” ampliação da OTAN no contexto de um cenário internacional em que a União Soviética (principal razão para a criação daquela organização) deixou de existir. Repete-se assim o ciclo de desconfiança, auto-justificação e acusações mútuas de ambas as partes, situação essa que, sobretudo após os eventos de 2014 que culminaram em sanções Ocidentais à Rússia, tende a se estender pelos próximos anos, adicionando ainda mais tensão a um já complicado relacionamento geopolítico entre Moscou, Washington e Bruxelas.

### Referências

ARON, Raymond. **Paz e Guerra Entre as Nações**. São Paulo: Universidade de Brasília, 2002.

---

<sup>11</sup> “Баланс это очень важная вещь [...] А мы что сейчас делаем? Мы сейчас пытаемся этот баланс нарушить, это большая ошибка.” (no original em russo).

BRADEN, Kathleen E.; SHELLEY, Fred M. **Engaging Geopolitics**. New York: Routledge, 2000.

DUGIN, Alexandr. **Geopolítica da Rússia Contemporânea**. Lisboa: Instituto de Altos Estudos em Geopolítica e Estudos Auxiliares, 2016.

FINLAY, Dylan. **The Cornered Bear: Russia's Foreign Policy Paradigm. The State of the Century**. Disponível em: <<https://thestateofthecentury.wordpress.com/category/russian-foreign-policy/>> Acesso em: 03 mar. 2017.

FREIRE, Maria Raquel. **As Eleições Presidenciais Na Rússia: Continuidade Na Mudança**. Portugal: Universidade Nova de Lisboa, 2008. Disponível em: <[https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/9605/1/MRFreire\\_OccasionalPaper32\\_IPRI\\_2008.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/9605/1/MRFreire_OccasionalPaper32_IPRI_2008.pdf)> Acesso em: 26 nov. 2016.

GONZÁLEZ, Francisco J. Ruiz. **The Foreign Policy Concept of The Russian Federation: A Comparative Study**. Madrid: Instituto Español de Estudios Estratégicos, 2013.

HITLER, Adolf. **Mein Kampf**. New York: Houghton Mifflin Company, 1999.

KAPLAN, Robert. **The Geopolitics of the World. American Grand Strategy and Sea Power: Challenges and Choices**, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yME6vWgVhQM>>. Acesso em: 06.jul.2019 .

KENNEDY, Paul. **Ascensão e Queda das Grandes Potências: Transformação Econômica e Conflito Militar de 1500 a 2000**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 12ª Edição, 1989.

KISSINGER, Henry. **Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

LEVADA ANALYTICAL CENTER. **Russian Public Opinion 2013-2015**. Moscou: 2016, 365 pp. Disponível em: <<http://www.levada.ru/cp/wp-content/uploads/2016/01/2013-2015-Eng1.pdf>> Acesso em: 20 fev. 2019.

MACKINDER, Halford J. **The Geographical Pivot of History**. Disponível em: <<http://intersci.ss.uci.edu/wiki/eBooks/Articles/1904%20HEARTLAND%20THEORY%20HALFORD%20MACKINDER.pdf>> Acesso em: 06.jul.2019

\_\_\_\_\_. **Democratic Ideals and Reality: A Study in the Politics of Reconstruction**. Washington: National Defense University Press, 1942

MANKOFF, Jeffrey. **Russian Foreign Policy: The Return of Great Power Politics**. Council on Foreign Relations (CFR: 2011). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gggdw1CEJGU>> Acesso em: 23 nov. 2018.

MAZAT, Numa; SERRANO, Franklin. **A Geopolítica Da Federação Russa em Relação aos Estados Unidos e à Europa: Vulnerabilidade, Cooperação e Conflito.** In: ALVES, Andre Augusto De Miranda Pinelli (org.). *Rússia no Século XXI: O Renascimento de uma Potência?* Brasília: IPEA, 2012. pp.9-50.

NOVIKOVA, Irina; BODROV, Andrei. **Origins of the Modern International System.** In: TSVETKOVA, Natalia (Ed.). *Russia and the World: Understanding International Relations.* Lexington Books, 2017.

OLDBERG, Ingmar. **Russia's Great Power Strategy under Putin and Medvedev.** Swedish Institute of International Affairs: 2010.

ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DE SEGURANÇA COLETIVA (OTSC). **Carta de Fundação.** Disponível em: <[http://www.odkb-csto.org/documents/detail.php?ELEMENT\\_ID=1896](http://www.odkb-csto.org/documents/detail.php?ELEMENT_ID=1896)> Acesso em: 7 nov. 2018.

PUTIN, Vladimir Vladimirovitch. **Выступление и дискуссия на Мюнхенской конференции по вопросам политики безопасности** [Discurso e discussão na Conferência de Munique sobre Política de Segurança] Kremlin: 2007. Disponível em: <<http://kremlin.ru/events/president/transcripts/24034>> Acesso em: 15 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. **Интервью немецкому изданию Bild. Часть 1** [Entrevista ao periódico alemão Bild. Parte 1]. Kremlin: 2016. Disponível em: <<http://kremlin.ru/events/president/news/51154>> Acesso em: 17 mai. 2019.

\_\_\_\_\_. **Путин считает большой ошибкой попытки нарушить международный ядерный баланс** [Putin considera um grande erroas tentativas de perturbar o equilíbrio nuclear internacional]. NTV: 2017. Disponível em: <<https://www.ntv.ru/novosti/1819838/>> Acesso em: 08 ago. 2019.

RUSSIA. **Constituição da Federação Russa.** The Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation: 1993. Disponível em: <<http://www.constitution.ru/en/10003000-05.htm>> Acesso em: 28 nov. 2018.

VAISSE, Maurice. **As Relações Internacionais Depois de 1945.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

ZHEBIT, Alexander. **A Rússia na Ordem Mundial: com o Ocidente, com o Oriente ou um polo autônomo em um Mundo Multipolar?** Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Política Internacional, 2003.

WALTZ, Kenneth N. **Structural Realism after the Cold War.** In: *International Security, Estados Unidos*, v.25, n.1, pp.5-41, 2000.

\_\_\_\_\_. **Theory of International Politics.** New York: Random House, 1979.

WENDT, Alexander. **Anarchy is What States Make of It: the Social Construction of Power Politics.** In: *International Organization*, Massachusetts Institute of Technology, v.46, n.2, p.391-425, 1992.

*Recebido em 2019-08-08.*

*Publicado em 2020-01-01.*